

## Retalhos biográficos de duas mulheres educadoras cearenses do século XX

**Jessica Fernandes de Lima** <sup>i</sup> 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ce, Brasil

**Hellen Gomes Santos** <sup>ii</sup> 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ce, Brasil

**Francisca Genifer Andrade de Sousa** <sup>iii</sup> 

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ce, Brasil

1

### Resumo

O objetivo do estudo de abordagem qualitativa e do tipo biográfico é conhecer a vida e as experiências formativas e educativas de duas professoras cearenses do século XX, com foco nas diferenças e nas semelhanças que perpassam as suas trajetórias de vida profissional. A coleta de dados consistiu na realização de entrevistas estruturadas com as duas professoras focos do estudo, mediante *Google Meet* e *Whatsapp*, entre os meses de maio e junho de 2021. A trajetória de duas mulheres provenientes de famílias pouco escolarizadas do interior do estado do Ceará, que migraram com as suas famílias para a capital cearense em busca de melhores condições de vida, revela que em Fortaleza tornou-se possível lograr de trajetória educativa diferenciada e, posteriormente, ingressar no magistério, um dos únicos campos aceitos para atuação profissional da mulher. Conclui-se que a escrita sobre a vida de professoras incrementa a história feminina e a história da educação do Ceará.

**Palavras-chave:** Escolarização formal. Docência. Mulheres educadoras.

### Biographical patches of two women educators from Ceará in the 20th century

### Abstract

The objective of the study with a qualitative approach and a biographical type is to get to know the life and formative and educational experiences of two teachers from Ceará, focusing on the differences and similarities that permeate their professional life trajectories. Data collection consisted of conducting structured interviews with the two focus teachers of the study, through *Google Meet* and *Whatsapp*, between May and June 2021. The trajectory of two women from poorly educated families in the interior of the state of Ceará, who migrated with their families to the capital of Ceará in search of better living conditions, reveals that in Fortaleza it became possible to achieve a differentiated educational trajectory and, later, enter teaching, one of the only accepted fields for women's professional activities. It is concluded that writing about the life of teachers enhances women's history and the history of education.

**Keywords:** Formal schooling. Teaching. Women educators.

## 1 Introdução

2

A história da educação, geralmente, tem centrado foco em fatos e feitos de grande impacto social, deixando às margens acontecimentos e personalidades comuns, que lidam ou lidaram em algum momento de suas vidas, diretamente com a tarefa educativa (NUNES, 2014). No entanto, não é somente a partir de leis, decretos e outros tipos de pronunciamentos dos “donos do poder” que é possível conhecer aspectos da educação nos âmbitos nacional, regional e local, pois o conhecimento sobre a vivência de sujeitos envolvidos com a matéria educativa permite saber como a escolarização formal se processa no dia a dia, sinalizando minúcias que são desconsideradas em documentos cujo olhar é o global e descaracteriza o micro contexto.

Nessa perspectiva, escrever sobre docentes importa para alargar os conhecimentos educacionais e, mais especificamente, quando há foco na figura feminina, há valorização do papel das mulheres na formação de uma sociedade marcada pelo descrédito e pelo apagamento das memórias femininas, história esta que “frequentemente teve de ser escrita a contrapelo das fontes, especialmente das fontes de arquivo, criadas pelos homens e expressando os interesses masculinos” (BURKE, 2001, p. 133). Por isso, escrever sobre mulheres que atuam ou atuaram no magistério oportuniza não somente o conhecimento sobre a vida de pessoas até então em situação de anonimato, mas a valorização de suas trajetórias e experiências individuais e coletivas, de tal maneira que se preserva tanto a história das mulheres quanto a história da educação.

Há que se considerar que a escrita biográfica sobre mulheres educadoras é um empreendimento muito recente no Brasil, mas que vem sendo capaz de divulgar várias pesquisas em formatos de teses, dissertações, monografias e artigos científicos. Tais escritos geram visibilidade a mulheres comuns que atuaram em níveis variados de educação, a exemplo de Célia Goiana (FIALHO; CARVALHO, 2017), Maria Luiza Fontenelle (FIALHO; FREIRE, 2018); Henriqueta Galeno (FIALHO; SÁ, 2018); Neli Sobreira (FIALHO; QUEIROZ, 2018); Aída Balaio (FIALHO; LIMA; QUEIROZ, 2019); Argentina Pereira Gomes (MENDES; FIALHO;

MACHADO, 2019); Zelma Madeira (FIALHO; HERNÁNDEZ DÍAZ, 2020); Iolanda dos Santos Gomes (MENDES, et al., 2020); Rosa Ribeiro (FIALHO; SOUSA; HERNÁNDEZ DIAZ, 2020); Raquel Dias (FIALHO; SANTOS; FREIRE, 2020); Maria Zuila Morais (LOPES; SOUSA; FIALHO, 2020); Josete Sales (FIALHO; SOUSA; NASCIMENTO, 2020); e Elisabeth Silveira (FIALHO; SOUSA, 2021).

Nesse cenário, questiona-se como foi a escolarização e a atuação docente de duas professoras cearenses que nasceram no século passado, e cujas trajetórias docentes se desenvolveram no íterim do século XX e XXI, sendo que uma delas encontra-se em exercício até os dias atuais. O objetivo, nesse sentido, é conhecer a vida e as experiências educativas de duas professoras do estado do Ceará com foco nas diferenças e semelhanças entre as suas trajetórias de vida e profissional. A relevância consiste em incrementar a história do magistério e a história da educação cearense, campo de estudo que ainda enfrenta dificuldades no que concerne às fontes (SOUSA, 1961).

3

## 2 Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, já que centra foco em minúcias e singularidades que não poderiam ser abarcadas em estudos de cunho quantitativo, ou seja, que prezam pela quantificação dos dados (MINAYO, 1994). É do tipo biográfico (DOSSE, 2015), já que parte do perfil de duas educadoras cearenses; discutindo aspectos de suas vidas como núcleo familiar e escolarização formal; e abordando as suas atuações em sala de aula.

Como técnica de coleta de dados foi feito uso de um questionário composto por três blocos. O primeiro tratou sobre os dados pessoais das entrevistadas, questionando: nome completo, ano e local de nascimento, nome, profissão e nível de escolarização dos pais, escolarização da família e quantidade dos irmãos. O segundo bloco buscou sondar acerca das condições de vida na infância, a idade que iniciaram os estudos e em qual escola, como foi o desenvolvimento da sua educação básica, quais as principais dificuldades que enfrentou para estudar, e se algum professor marcou esse percurso formativo. Por último, o terceiro bloco quis

saber em quais ambientes as entrevistadas trabalharam, como ingressaram na docência, e como eram as suas aulas, quais dificuldades enfrentaram com a profissão de professora, e em que a educação mudou desde quando começaram a lecionar para hoje.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, amparando-se nos recursos *Google-Meet* e *WhatsApp*, no decorrer do mês de maio e junho de 2021, e tiveram duração de 33 minutos e 1h15m. Por razões éticas, optou-se por não divulgar a identidade das entrevistadas, tendo sido o anonimato assegurado a ambas. Por isso, neste estudo elas serão referenciadas por Marina e Léo, que são apelidos, isto é, nomes pelos quais as biografadas são conhecidas em determinado ambiente, mas não fazem referência aos verdadeiros nomes.

4

### 3 Resultados e Discussões

Para melhor organização textual e compreensão leitora, os resultados e as discussões da pesquisa foram organizados em três momentos, que seguem a estrutura das informações coletadas em cada um dos blocos que compuseram o questionário anteriormente apresentado. Assim, a primeira seção trata sobre o perfil, o segundo sobre a escolarização, e o terceiro sobre a atuação docente das professoras entrevistadas.

#### Perfil das entrevistadas

Marina nasceu em 1947, em Queimadas, distrito de Maranguape-CE, atualmente região pertencente à Palmácia-CE, filha de Antônio e Francisca, sendo a filha caçula de uma família composta por 6 irmãos (três irmãos do primeiro casamento de sua mãe e dois, contando com ela, do segundo casamento e seu pai criou outra menina, que também é considerada sua irmã). A mãe era analfabeta e o pai alfabetizado, e viviam do cultivo do solo, ambos já falecidos. Em sua infância houve dois momentos distintos na situação econômica da família: até os dez anos era uma situação favorável, pois seus pais possuíam um pedaço de terra onde

produziam e exportavam também para a capital do estado. O segundo momento foi menos confortável, pois os pais de Marina perderam tudo em uma questão jurídica por não conseguirem validar o usucapião, que se constitui em uma ação judicial por meio da qual é possível adquirir a posse de propriedades pelo tempo de uso. Nessa segunda etapa econômica familiar, obtiveram ajuda financeira dos seus irmãos mais velhos, do primeiro casamento de sua mãe.

5

Léo, por sua vez, nasceu em 1951, em Aracoiaba-CE, Maciço do Baturité-CE, sendo a segunda filha de 5 filhos. Seus pais, que estudaram até a quinta série do ensino fundamental, eram agricultores e acreditavam que sair do interior e ir para a capital era a oportunidade necessária para melhorarem de vida. Foi então que com apenas quatro anos de idade, Léo deixou a sua terra natal para seguir junto com a sua família para a capital, em busca de melhores condições de vida, como acontecia com tantas outras proles interioranas, principalmente nos períodos de seca, o que acarretou no inchaço populacional da capital cearense em meados do século XX (SOUSA, 1961).

Em vista desses dados, nota-se que Marina e Léo nasceram em um recorte temporal aproximado, tendo em vista que a primeira nasceu em 1947 e a segunda em 1951, somando quatro anos de diferença. Ambas descendem de famílias que viviam no interior cearense e, com pais que mantiveram pouco ou nenhum acesso à escolarização formal, viviam do cultivo do solo, de onde tiravam o sustento familiar. Tal realidade, nesse período, de acordo com Sousa (1961), era comum nos vilarejos mais afastados da capital, Fortaleza, pois nesses espaços não haviam expectativas de escolarização e de entrada no mercado de trabalho, que à época era enfraquecido no Ceará, restando a agricultura como fonte única de subsistência.

## Formação educativa

Marina considera que teve a melhor infância possível que uma criança, até seus dez anos, poderia ter, mas quando a família se mudou para Fortaleza, a vida ficou diferente. Ela começou a estudar ainda no interior, foi alfabetizada aos sete anos de idade pelo seu pai e pela sua irmã de criação, como disse: “*Ela era muito*

*paciente, parece que tô vendo ela!*" (DONA MARINA, 15/06/2021). Após iniciada a escolarização no próprio lar, ela foi aprender melhor mais tarde, com a sua madrinha que ensinava as crianças das redondezas em sua casa as letras e a tabuada: "*Com ela desenvolvi a leitura*".

Então, ao chegar à Fortaleza, Marina já estava em idade para cursar a 3ª série do ensino fundamental, mas como não tinha tido acesso aos conteúdos de história, geografia e ciências, necessitou retornar à primeira série. A professora que fez com que D. Marina retornasse à primeira série causou-lhe certo bloqueio, fazendo com que a garota tímida do interior se calasse ainda mais. Devido a essas turbulências em suas trajetórias, ela trocou de escola, e na segunda escola da capital, a professora da 2ª série a achou muito adiantada e a progrediu novamente para a 3ª série. D. Marina continuou na segunda instituição até a 4ª série, a última ofertada pela instituição.

Naquela época existiam escolas específicas para as turmas de 5ª série, pois eram denominadas como preparatórios para o Liceu do Ceará, que era o antigo Ensino Colegial. Assim, Marina ingressou no Liceu, e cursou a escolarização que à época, se chamava 2ª, 3ª, 4ª série ginásial. Na sequência, após concluído o Ensino Ginásial, cursou o Normal, depois chamado de Pedagógico, que instruiu a moça para o trabalho doméstico e para o magistério (MAGALHÃES JUNIOR, 2003). Concluído o Ensino Normal, Marina ficou dois anos sem estudar e depois entrou na faculdade.

Com relação à Léo, essa entrevistada considera que a sua infância foi muito boa, apesar de ter lidado com a separação dos pais durante esse período. Ela diz ter aproveitado cada momento da sua infância, adorava ir ao sítio brincar no rio com os seus primos, ou na calçada de casa com as crianças da vizinhança. Foi aos 6 anos que Léo se alfabetizou, com uma professora particular, que deu a ela todo suporte necessário para aprender a ler e escrever, e depois, aos 7 anos de idade, ela ingressou na escola pública chamada Juarez de Távora. Esse estabelecimento, para ela, era uma escola muito boa e foi onde começou a sua trajetória na rede pública de ensino.

Léo sempre foi uma aluna muito dedicada, gostava de estudar e, além disso, sempre teve condições financeiras suficientes para se manter na escola; nunca lhe faltou nada ou alguém para ajudá-la com livros, oferecendo-a o necessário para se manter na escola. Contando com esse apoio, Léo conta que teve, ainda, ótimos professores e uma base familiar que lhe apoiava, o que foi determinante para que ela conseguisse concluir o ensino básico na rede pública, finalizando com o curso normal, no Instituto de Educação do Ceará, que era uma instituição financiada pelo estado, mas elitizada (COELHO, 2020), tendo em vista que poucas eram as moças que conseguia, ali permanecer até a conclusão dos estudos (ARAÚJO, 2015).

Em face desse cenário, entende-se que Marina e Léo contaram com condições privilegiadas de escolarização, sendo a migração de suas famílias para a capital cearense um fator determinante para que elas frequentassem instituições formais de educação, incluindo a escola Normal, feito inviável caso elas residirem no interior, conforme asseverou Sousa (1961) em estudo sobre as dificuldades da população rural acessar e permanecer na escola.

### Atuação docente

A vida profissional de Marina começou informalmente, aos 14 anos de idade, quando ministrava aulas em casa com o seu irmão; ela ensinava pela manhã antes de ir à escola e seu irmão à tarde e à noite. Existia o desejo de formalizar uma instituição de ensino, através da implantação de uma escolinha, mas devido às suas jornadas, seu irmão foi trabalhar no Liceu, e ela, ao completar 18 anos, fez sua primeira seleção para o emprego na Secretaria de Segurança Pública, onde trabalhou durante oito anos.

Enquanto trabalhava na secretaria, o irmão trabalhava à noite com um Plano de Alfabetização de adultos, mas com o passar do tempo, ele decidiu mudar de emprego, então foram na Secretaria de Educação, e passaram a vaga para ela “*simplesmente assim!*”. Marina passou a trabalhar à noite aos 20 anos de idade com uma turma de jovens e adultos, na modalidade educativa que hoje conhecemos por Educação de Jovens e Adultos (EJA). Marina cita que da mesma forma que o seu

irmão fez com ela, passando sua vaga a ela, ela fez com uma colega, quando decidiu trabalhar em uma escola particular: “*Deixei ela no meu lugar!*”.

O costume de indicar ou colocar alguém em seu lugar era uma prática muito comum na época, pois a máquina pública cearense não contava com normas e cada agente se considerava dono da sua vaga, podendo transferi-la quando sentisse necessidade (SOUSA, 1961). Quando Marina trabalhava no colégio General Osório, que se localizava distante de sua residência, uma amiga da faculdade ganhou uma bolsa para estudar na França, e lhe ofereceu o seu lugar em outro colégio particular. Nesse período de sua história, Dona Marina já se encontrava casada e com filhos, e o colégio particular onde sua amiga lhe ofereceu a vaga era na mesma rua onde morava, o que tornava aquela uma vaga que proporcionaria maior conforto à sua trajetória como professora e mãe, que era permeada por dificuldades de locomoção para conciliar a maternidade com o ofício docente: “*Tive 5 filhos, me locomover de ônibus lotado grávida e até a criança nascer*”.

Nesse período, Marina já havia saído da polícia, e atuava na primeira turma de Orientadores de Aprendizagem do Estado, e encontrava-se trabalhando como orientadora no sistema de TV, mas devido às dificuldades de locomoção até o trabalho, decidiu abandonar o contrato do estado e continuar trabalhando no Colégio Redentorista (instituição particular) que era próxima à sua residência, e para sua alegria, na mesma época em que abriu mão do contrato do estado, foi convidada para assumir a coordenação de uma escola da comunidade próxima de sua residência, onde os professores seriam pagos pelo município de Fortaleza. Então, Marina ficou trabalhando como orientadora de aprendizagem (instituição pública) e professora de língua portuguesa (instituição privada).

Anos mais tarde Marina decidiu retornar ao estado, então, fez nova seleção para orientador educacional, onde permaneceu até a aposentadoria das autarquias (1974 - 1994), conforme narrativa: “*Como orientadora educacional, que foi a segunda faculdade que eu fiz Pedagogia com especialização em Orientação Educacional que hoje não se faz mais*”. Marina se refere ao momento em que os cursos de graduação em Pedagogia formavam o graduando em alguma especialização, prática hoje extinta, mas que à época havia a possibilidade de

especializar-se ao longo do curso e ela escolheu a área de Orientação Educacional (ARRUDA; CASTRO; BARRETO, 2020).

Quando se afastou dos cargos pela aposentadoria, surgiu a oportunidade de realizar novos concursos, como o da Prefeitura de Maracanaú, em 1998, do qual se aposentou em 2018. Do concurso que ocupou como orientadora educacional, em 1994, aposentou em abril de 2021, como sentenciou: “*Eu realmente estou aposentada*”. Dona Marina, relatou que se dedicava muito ao trabalho porque dependia de sua atuação para auxiliar no sustento familiar, pois o esposo, devido a problemas com alcoolismo, não possuía controle financeiro.

Além disso, em decorrência da dependência química, o esposo faleceu ainda muito novo, deixando Marina viúva e responsável única pela criação dos filhos do casal. Portanto, Marina foi uma mulher que, como tantas outras cearenses, precisou exercer um ofício fora do lar para garantir o sustento de si e da prole (ARAÚJO, 2015), pois na ausência do esposo, ela se tornou a chefe da família. Atualmente, aposentada e todos os filhos já adultos, Marina continua se empenhando em sua evolução profissional. Assim, ela estuda Psicanálise, e inclusive, o objetivo é que, após concluir esse curso, esteja apta a prestar concurso nesta área.

Acerca da sua atuação docente, as suas aulas aconteciam de maneira formal, pelo sistema de TV, que foi implantado no Ceará sob o intento de levar o ensino para os locais mais afastados do estado (FARIAS; NUNES; CAVALCANTE, 2001). O formato de ensino era diferenciado, e com esse aprendizado tentou levar para as instituições de ensino regular uma maneira diferente de ensinar, mesmo sabendo que o sistema era tradicional. Marina gostava muito de conversar e ouvir seus alunos, mas que o sistema não permitia tal aproximação, porque, conforme pregava o tradicionalismo, o ideal era que o professor mantivesse distância dos alunos (SAVIANI, 2011). A entrevistada relatou o caso de um aluno que estava para reprovar e, no momento do conselho de classe, descobriu que o garoto não gostava dela porque tinha trauma de uma outra professora, e ele achava que ela agiria como a outra.

Em relação aos instrumentos de trabalho, naquela época ela não via dificuldades, pois se sentia habituada a trabalhar daquela maneira, sem tecnologia, como enunciou: *“É nisto que vemos a diferença para hoje justamente a tecnologia, a facilidade que o aluno tem hoje e o professor ainda não sabe tanto. Agora nesse momento estamos vivendo de pandemia, essa parte foi a parte que mudou com relação à metodologia”*. Ela disse que:

10

*[...] naquela época era bem mais tranquilo, trabalhei com sala de aula e não tinha muitas das dificuldades que nós encontramos hoje. Nunca tivemos um caso de um aluno drogado, e hoje com relação com a minha turma inicial que foi com jovens e adultos.*

De fato, o envolvimento de jovens e adolescentes com drogas ilícitas é uma problemática dos tempos atuais que interfere diretamente no sucesso ou insucesso escolar, dificuldade que não era tão acentuada quando Marina lecionava.

Em linhas gerais, Marina considera que a maior mudança em termos educacionais é com relação ao perfil do aluno, que hoje é bem diferente de quando iniciou a docência, conforme relato seguinte: *“Eu por exemplo dava aula para 61 alunos e nunca tive problema sério com ninguém e hoje um professor não consegue fazer uma aula boa com 30 a 35 porque a clientela de hoje é muito difícil, mas na maioria nós temos muitos alunos bons”*.

Quanto à Léo, após a conclusão da educação básica e do curso normal, ela continuou os seus passos como docente na Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR). Ante à dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos, chegou à conclusão de que não conseguia mais dar conta das duas tarefas, e abriu mão do emprego, nos Correios, para se dedicar apenas aos estudos. Quando terminou a graduação em Filosofia, Léo iniciou o curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), uma das instituições mais antigas do estado (SOUSA, 1961).

Quando se formou em Pedagogia, conseguiu o seu primeiro emprego na área da Educação, numa escola chamada Rotary Club, que fica localizada no município de Caucaia-CE, região metropolitana de Fortaleza. Ela relata que

conseguiu essa vaga por meio de indicação política; foi um amigo político que a indicou para a diretora: "*Estava dentro de uma rede e essa amiga chegou: Léo, quer trabalhar? E foi assim, o meu [emprego] veio dentro da minha rede*" (grifos das autoras). O trecho em destaque, narrado em tom de brincadeira por essa professora, explicita a facilidade com que o emprego chegou até ela, sem que houvesse necessidade de qualquer esforço de sua parte, denotando o que realmente acontecia no estado do Ceará, onde a política clientelista era muito forte e a entrada na máquina pública acontecia por indicação, sem haver seleção ou concurso (SOUSA, 1961).

Nessa perspectiva, Léo assumiu a sua primeira turma, uma sala de aula com alunos da quarta série da época, e considerava ser uma turma mais fácil, pois eram alunos já alfabetizados. Sobre a sua prática pedagógica, ela relatou que sempre tentava deixar as aulas o mais lúdicas possíveis, através dos movimentos, da biodança, das brincadeiras. Ela nunca acreditou na cobrança da nota que existia para avaliar o aluno e conta que até hoje ainda é muito resistente a essa exigência pela nota, mas acredita que um dia isso possa mudar, mas ressalta que isso é também um nível de consciência do aluno, pois ele precisa saber se realmente quer aprender ou apenas conquistar um "título". Após dois anos em sala de aula, tia Léo assumiu a direção da mesma escola, e na função de diretora permaneceu durante 25 anos, até encerrar a sua carreira na área educativa, exercendo com muita dedicação o seu papel de professora, diretora e amiga da comunidade escolar que lhe acolheu.

Portanto, Léo, assim como Marina, demonstra que a sua docência é diferenciada das práticas tradicionais de ensino, que era usual no seu tempo de docência (BARBOSA; SABOIA, 2020). As duas professoras firmaram as suas docências com base no diálogo e na aproximação com os alunos e com a comunidade, podendo esse ser um diferencial dessas educadoras do século passado.

#### 4 Considerações finais

O objetivo do estudo qualitativo do tipo biográfico foi conhecer a vida e as experiências educativas de duas professoras até então em situação de anonimato do estado do Ceará, com foco nas diferenças e nas semelhanças entre as suas trajetórias de vida e profissional. Tal empreitada permitiu tomar conhecimento sobre a vida de duas mulheres professoras comuns e, na oportunidade, incrementar a história feminina, a história sobre educadoras e, principalmente, a história da educação cearense.

Desenvolvido mediante entrevistas previamente estruturadas, a pesquisa enseja visibilidade à Marina e Léo, duas mulheres com origem familiar interiorana, que atuaram no magistério público do município de Fortaleza. A análise dos seus perfis e das suas trajetórias educativas demonstram que elas descendem de pais pouco escolarizados que viviam do cultivo do solo, e mesmo com poucas condições financeiras, investiram na formação educativa das filhas, que lograram de formação diferenciada daquela trilhada por muitas das suas contemporâneas, que sequer tinham acesso à educação formal. As práticas docentes das educadoras entrevistadas demonstram que elas eram adeptas do ensino firmado no diálogo e na aproximação com os alunos, mesmo que tenham iniciado a docência no século XX, quando a vertente tradicional de ensino era ainda mais forte do que nos tempos atuais.

Conclui-se que a vida das docentes em tela são cruciais para revelar e problematizar aspectos da educação cearense ainda ocultos, já que os documentos legais desconsideram as experiências docentes. Por isso, tendo em vista que o micro contexto aqui analisado não é passível de generalização, isto é, não pode ser utilizado para entender a situação geral da educação do Ceará ou do Brasil, fica o convite para que outros estudiosos tomem como foco outras mulheres educadoras, permitindo alargar os conhecimentos da história da educação no âmbito local.

## Referências

ARAÚJO, H de L. M. R. **A tradicional Escola Normal Rural Cearense chega ao Bairro de Fátima Formação das primeiras professoras primárias (1958-1950)**. Fortaleza: UFC, 2015.

ARRUDA, A. T. F. F. P.; CASTRO, E. L de; BARRETTO, R. F. Inclusão no ensino superior: um desafio para a docência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4534/3677>

Acesso em: 23 jun. 2021.

BARBOSA, R. P.; SABOIA, V. S. M.; Diversidade e construção da identidade da criança no cotidiano da educação infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-3, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4512/3641>

Acesso em: 23 jun. 2021.

BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2001.

COELHO, K. C. A. A educação feminina cearense pela ótica da escola Normal (1884-1930). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020.

Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4529/3648>

Acesso em: 23 jun. 2021.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FARIAS, I. M. S.; NUNES, J. B. C.; CAVALCANTE, M. M. D. **Telensino: percursos e polêmicas**. Fortaleza: Demócrito Rocha: Universidade Estadual do Ceará, 2001.

FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. C. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). **Cadernos de História da Educação**, v. 17, p. 343, 2018. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; LIMA, A. M. S.; QUEIROZ, Z. F. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. **Educação Unisinos**, v. 23, p. 48-67, 2019.

Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2019.231.04> Acesso

em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; QUEIROZ, Z. F. Maria Neli Sobreira: história e memória da educação em Juazeiro do Norte. **Educar em Revista**, v. 34, p. 67-84, 2018.

Disponível em: [http://www.rscielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso](http://www.rscielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602018000400067&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SA, E. C. V. Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). **História da Educação**, v. 22, p. 169-188, 2018.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/75182> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, H. F.; FREIRE, V. C. C. Biografia da Professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 3, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/20562/12765> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A.; NASCIMENTO, L. B. S. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. **Roteiro**, v. 45, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23790> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, N. M. C.; DIAZ, J. M. H. Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. **Revista Cocar**, v. 8, p. 371-387, 2020. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/3083> Acesso em: 29 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C. História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. **Série-Estudos**, v. 22, p. 137-157, 2017. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/992> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C.; NASCIMENTO, L. B. S. Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). **Cadernos de Pesquisa**, v. 28, p. 335, 2021. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/14922> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M. Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. **Revista Diálogo Educacional**, v. 20, p. 775-796, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/26441> Acesso em: 28 abr. 2021.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. de. Irmã Elisabeth Silveira e a educação feminina no Colégio da Imaculada Conceição, Fortaleza-CE. **Revista Diálogo Educacional**, v. 21, p. 191-316, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/27388>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LOPES, T. M. R.; SOUSA, F. G. A.; FIALHO, L. M. F. Maria Zuíla e Silva Moraes: Pioneirismo e protagonismo na fundação da Apae de Juazeiro. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 9, p. 89-108, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/35197> Acesso em: 29 abr. 2021.

MAGALHÃES JUNIOR, A. G. **Vigilância, transgressão e “punição”**: memórias de ex-alunas de escolas católicas de formação de educadoras (1964-1969). 2003. 201f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MENDES, M. C. F.; COSTA, M. A. A.; BRANDENBURG, C.; FIALHO, L. M. F. Iolanda dos Santos Mendonça: a participação das mulheres em movimentos indígenas (1970-2000). **Cambios y Permanencias**, v. 11, p. 828-853, 2020. Disponível em: <https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistacyp/article/view/11094> Acesso em: 29 abr. 2021.

MENDES, M. C. F.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. S. Argentina Pereira Gomes: disseminação de -inovações- didáticas na educação primária na década de 1930. **Revista Diálogo Educacional**, v. 19, p. 527-550, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/24959/2359>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MINAYO, M. C de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NUNES, L. Prefácio. In: In: FIALHO, L, M, F; MACHADO, C, J, dos S; ALMEIDA, G, M de A; SANTANA, J, R (Org.). **Ensaio de memórias e oralidades**. Fortaleza: Edições UFC, 2014, p. 11-17.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SOUSA, J. M. **Sistema Educacional Cearense**. Recife: MEC/INEP, 1961.

---

<sup>i</sup> **Jessica Fernandes de Lima**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7824-1993>

Curso de Pedagogia; Centro de Educação; Universidade Estadual do Ceará.

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Contribuição de autoria: responsável por uma entrevista da pesquisa e sistematização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3479911329603483>

E-mail: [fernandes.lima@aluno.uece.br](mailto:fernandes.lima@aluno.uece.br)

<sup>ii</sup> **Hellen Gomes Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8472-5495>

Curso de Pedagogia; Centro de Educação; Universidade Estadual do Ceará

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Contribuição de autoria: responsável por uma entrevista da pesquisa e sistematização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9109787407353375>

E-mail: [hellen.gomes@aluno.uece.br](mailto:hellen.gomes@aluno.uece.br)

<sup>iii</sup> **Francisca Genifer Andrade de Sousa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8280-3250>

Programa de Pós-Graduação em Educação, CED, UECE

---

Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação; graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); integrante do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO)

Contribuição de autoria: sistematização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4904576198000368>

E-mail: [geniferandrade@yahoo.com.br](mailto:geniferandrade@yahoo.com.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

16

**Como citar este artigo (ABNT):**

LIMA, Jessica Fernandes de; SANTOS, Hellen Gomes; SOUSA, Francisca Genifer de Andrade. Retalhos biográficos de duas mulheres educadoras cearenses do século XX. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2021.